

Ensino Superior e saúde mental: reflexões acerca da relação entre modos de subjetivação contemporâneos, sofrimento psíquico e cuidado

Higher education and mental health: reflections on the relationship between contemporary modes of subjectivation, psychological suffering and care

Clara Maria Miranda de Sousa

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Juazeiro-Bahia-Brasil

Paulo Henrique Magalhães da Silva

Marcelo Silva de Souza Ribeiro

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

Petrolina-Pernambuco-Brasil

Resumo

Este trabalho apresenta reflexões sobre a relação entre os modos de subjetivação contemporâneos e a saúde mental no contexto acadêmico, bem como sobre a importância de uma perspectiva ampla de cuidado nesse ambiente. Para isso, são problematizados os modos de subjetivação contemporâneos, que estão intrinsecamente ligados às dinâmicas sociais e culturais vigentes. Tais influências configuram um cenário que intensifica as queixas e demandas relacionadas à saúde mental nesse meio. Desse modo, ressalta-se como as práticas de cuidado podem contribuir para a atenuação do sofrimento psíquico intenso, promovendo um ambiente acadêmico mais saudável e sustentável para todos os envolvidos. Por fim, conclui-se que a cultura do cuidado deve ser institucionalizada nesse espaço, considerando as especificidades de cada realidade institucional, sob uma perspectiva coletiva e interdisciplinar.

Palavras-chave: Ensino Superior; Saúde mental; Cuidado.

Abstract

This work presents reflections on the relationship between contemporary modes of subjectivation and mental health in the academic context, as well as on the importance of a broad perspective of care in this environment. To this end, contemporary modes of subjectivation are problematized, which are intrinsically linked to current social and cultural dynamics. Such influences create a scenario that intensifies complaints and demands related to mental health in this environment. In this way, it is highlighted how care practices can contribute to the mitigation of intense psychological suffering, promoting a healthier and more sustainable academic environment for everyone involved. Finally, it is concluded that the culture of care must be institutionalized in this space, considering the specificities of each institutional reality, from a collective and interdisciplinary perspective.

Keywords: Higher education; Mental health; Careful.

Introdução

O Ensino Superior (ES) no Brasil teve mudanças significativas em sua organização a partir das décadas de 1990. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, 1996), o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e a Expansão das Universidades Federais – REUNI (Decreto nº 6.096, 2007), assim como o Plano Nacional de Educação – PNE (Projeto de Lei nº 8.035, 2010) foram impulsionadoras de mudanças e significativos marcadores legais que indicam um fortalecimento das políticas educacionais voltadas para o ES. Em linhas gerais, as propostas se voltaram para a garantia de acesso e permanência ao ES, a expansão de unidades interioranas, o aumento na oferta de matrículas e o compromisso social com práticas de pesquisa e extensão. Inegavelmente o fortalecimento dessas políticas e, sobretudo a expansão do ES, possibilitou mais oferta e acesso às populações outrora, em sua grande maioria, excluídas. A democratização, portanto, do ES também trouxe uma série de desafios justamente porque passou a requerer mais investimentos e toda uma política de avaliação, acesso, financiamento e permanência.

Os avanços de políticas públicas para acesso, financiamento e permanência no ES garantiu que muitas pessoas de grupos minoritários pudessem ter uma formação profissional de qualidade. O sonho de estar em uma universidade foi possível, mas por outro lado estar em um curso superior trouxe novas exigências. Os estudantes são provocados a vivenciar práticas diferentes das vividas em etapas anteriores de ensino, no sentido de se dedicar aos estudos de maneira autônoma, conciliando agenda de trabalhos acadêmicos com as atividades pessoais. Quanto aos docentes, nas últimas décadas o sentido de produção acadêmica vem sofrendo impactos das chamadas *ideologias neoliberais*, marcado por um viés de regulação e aumento da produtividade do trabalho (Oliveira; Pereira; Lima, 2017; Queiróz; Emiliano, 2020). Tais questões vão ao encontro com o que Han (2015) tem sinalizado sobre a sociedade do desempenho, empregando a ideia da excessiva produção e tendo como resultado o esgotamento.

Em uma era da *performatividade acadêmica*, assim nomeamos, a sociedade tem operado sob a valorização histórica da razão como instrumento primordial, enquanto produção de coisas no mundo (Heidegger, 2008). O estar na universidade enquanto docente ou discente, vai sendo visto por essa sociedade do desempenho como mero produto, como aponta Freire (2019, p. 28) uma relação que “coisifica as consciências”. O professor passa a

ser operário e o estudante vê o processo formativo como instrumentalização e não como espaço de geração de conhecimento.

É oportuno frisar que, acerca de uma visão mais ampliada sobre a saúde mental global, estamos fortemente sendo impactados pelo *modus vivendi* neoliberal, com um mundo hiper individualizado, coisificado, altamente competitivo, narcísico, não sustentável e fragmentado. Discutir sobre o cuidado em saúde mental na universidade, implica também pensarmos em dimensões atravessadas por questões micro e macro culturais. Os processos de adoecimento que aparecem no ambiente universitário podem ser apreendidos por meio de amplos determinantes, ainda que cada instituição reserve suas idiosincrasias, o que demanda minuciosa análise sobre esses mesmos processos e ainda sobre o cuidado como prática da cultura institucional e mesmo integrado às atividades acadêmicas.

Uma universidade é composta por diferentes setores, profissionais e até mesmo estruturas físicas. Ao direcionarmos o nosso olhar para as questões de saúde mental nesse lugar, tentaremos dar foco a dois públicos: docentes e discentes, com intuito de refletirmos alguns aspectos do estar no ensino superior e buscar meios para promoção de saúde nesse espaço de convivência.

No envolvimento direto com o processo de formação, o professor emerge em um papel central na articulação de ações que visam a relação entre conhecimentos e experiências, assim como no instigar o pensar, a fazer e o avaliar a construção de aprendizagens. Com o desenvolvimento das tecnologias inauguradas na contemporaneidade, o professor precisou aprender outros conhecimentos, captar novas informações e tentar acompanhar de maneira acelerada as mudanças das últimas décadas. A atividade docente no ensino superior caracterizada pelo processo intelectual e criativo demanda tempo para as suas construções, contudo esbarrado com o excesso das demandas imediatas, as cobranças de ordem produtivista, diversas questões burocráticas e um ritmo acelerado de trabalho diante de questões a vivenciar o tripé do ensino, da pesquisa e da extensão (Santos *et al.*, 2020).

Aos estudantes do ensino superior, as demandas se mostram constantes também por produções, precisando conciliar seus processos pessoais com os formativos. Os estudantes têm o desafio de viver o percurso acadêmico, por vezes via o desenvolvimento de habilidades aligeiradas, enfrentamentos pessoais, cobrança por desempenhos e

conciliações com relacionamentos psicossociais. Estes e outros desafios podem acometer seus estados de saúde, desvelando seus sofrimentos perante as cargas de atividades para dar conta de todas as cobranças acadêmicas, o tempo restrito para tarefas, a conciliação de alguns entre a vida acadêmica e o mundo do trabalho, além de suas questões pessoais, chegam a afetar seu bem-estar (Castro, 2017). Acerca disso, o contexto universitário pode ser um espaço propício à produção de sofrimento psíquico intenso, o qual está intimamente ligado à conjuntura social atual e deve ser encarado como uma questão de saúde pública (Bastos; Maia; Oliveira; Ferreira, 2019; Padovani *et al.*, 2014).

Por outro lado, podemos também refletir sobre os possíveis perfis de professores que têm buscado realizar articulações interdisciplinares, o que contribui para atividades colaborativas com outros docentes, mantendo escuta e aproximações com os estudantes, realizando planejamentos e ajustes nas práticas a partir das avaliações, além de desenvolver pesquisas e projetos de extensão baseados nas experiências dos estudantes e de suas comunidades ou grupos de origem. Encontramos também estudantes que, ao integrar as atividades acadêmicas, conseguem relacionar e até mesmo aplicar os conhecimentos adquiridos em suas práticas profissionais. Assim, buscam participar de grupos de pesquisa e projetos que venham a agregar suas formações, vendo a universidade como um lugar propício para construção de sua carreira profissional e para o estabelecimento de vínculos afetivos e duradouros.

Enquanto professores e estudantes do Ensino Superior, vamos empiricamente observando e sentindo, por meio da própria experiência, que os ritmos dos contextos universitários nem sempre correspondem aos tempos que permitam possibilidades de cuidado com a própria saúde. Estudos como os de Campos e Cunha (2017), indicam que o uso de medicamentos para ansiedade, depressão e outras patologias tem sido cada vez mais comum em professores, que também atravessam altos índices de absenteísmo e pedidos de afastamentos do trabalho por questões de saúde. Cuidar da saúde do professor e do estudante nos contextos universitários tem sido uma preocupação das organizações. Porém, muitas vezes acabam sendo momentos pontuais e não conseguem progredir por ter aspectos para além do que a instituição consegue alcançar.

Frente a esse cenário, tornam-se cruciais alguns questionamentos: Quais são as queixas e demandas associadas ao sofrimento psíquico desses sujeitos no ambiente

acadêmico e com o que estão relacionadas? Quais possibilidades podemos pensar para a promoção da saúde mental na universidade?

Com o intuito de responder esses questionamentos, este artigo busca apresentar reflexões acerca da importância de uma perspectiva ampla de cuidado no ambiente universitário, haja vista os altos índices de sofrimento psíquico intenso nesse contexto experienciado tanto por docentes quanto por discentes. Para tanto, o estudo pretende explorar a interface entre os modos contemporâneos de subjetivação e o sofrimento psíquico em docentes e discentes no ambiente universitário, os cenários de queixas e demandas relacionados ao sofrimento psíquico de discentes e docentes no ambiente universitário e discutir as práticas de cuidado no ambiente universitário.

A interface entre os modos contemporâneos de subjetivação e o sofrimento psíquico em docentes e discentes no ambiente universitário

Antes mesmo de falarmos sobre os modos de subjetivação contemporâneos e, conseqüentemente, seus desdobramentos relativos à saúde mental e o cuidado no contexto do ES, parece-nos necessário abordar, ainda que preliminarmente e aceitando as limitações estabelecidas pelo escopo deste artigo, a noção de subjetividade no campo da Psicologia.

Falar de subjetividade poderia, certamente, contar um pouco da própria história da invenção da Psicologia, considerando, inclusive, as diversidades e os tensionamentos do processo de constituição dessa ciência. A própria ideia de sujeito - seja o sujeito cartesiano ou o sujeito do desejo, para citar apenas dois exemplos - carrega em si a marca de uma delimitação entre o que está dentro e o que está fora. Essa delimitação envolve as trocas estabelecidas entre esses 'lados', a forma como se constituem, o que é preponderante e, a partir disso, os critérios de verdade e toda uma epistemologia.

Na história da Psicologia, é clássico o surgimento de linhas que se desenvolvem a partir de modelos mais objetivos ou mais subjetivos, bem como as tentativas de superar as dicotomias estabelecidas por esses modelos. De maneira geral, dois movimentos surgem com esse propósito, a saber: a Psicologia de orientação materialista-histórica, notadamente por meio de Vygotsky (1995), e a Psicologia de base fenomenológica, a partir de Franz Brentano (1973). Resguardadas as várias divergências entre esses movimentos, ambos buscaram superar a dicotomia entre objeto e sujeito, bem como entre objetividade e subjetividade, e apresentaram compreensões sobre os processos de constituição dos

sujeitos. Para a Psicologia de orientação materialista histórica, sujeito e objeto se constituem dialeticamente sobretudo a partir das mediações da história, da cultura e, em particular, da linguagem. Para a Psicologia de base fenomenológica, o sujeito (consciência) só se dá para o objeto e este, por sua vez, se dá sempre para a consciência. A este fenômeno dá-se o nome de *princípio da intencionalidade*, indicando, assim, que a relação nos constitui.

Dessa forma, para garantir precisão conceitual em relação a esses movimentos, não seria possível, em termos rigorosos, abordar a questão da subjetividade sem considerar a questão da intersubjetividade. A subjetividade em si não seria possível, uma vez que as relações prescindem dos processos de subjetivação, que seria a própria ação e práticas constituidoras dos sujeitos numa relação com o outro, com o mundo e consigo mesmo, atravessados pela história, pela cultura e pela linguagem.

É através dessa perspectiva intersubjetiva que a subjetividade é caracterizada pelo materialismo histórico-dialético e pelo pensamento fenomenológico, inclusive em desdobramentos como é o caso da Hermenêutica Filosófica de Hans-Georg Gadamer (2008) que absorve, em grande medida, a constituição de uma experiência fenomenológica que ilustra alguns de seus conceitos centrais como o de “fusão de horizontes” e que leva a incontestável condição de ser humano porque é ser de uma vida compartilhada, solidária (Lindenmeyer, 2021).

Sabemos que é um caminho bastante minado este de articular a orientação materialista histórica e a fenomenológica, mas não é algo de todo tão inusitado. Alguns outros já fizeram suas passagens, inclusive de modo reconhecidamente inspirador, como foi o caso de Sartre (2007) e mesmo do patrono da educação brasileira, Paulo Freire (2019). Essa articulação, portanto, coloca-nos numa posição onde entendemos a subjetivação como um processo criativo do sujeito em relação, porém, ao mesmo tempo, um processo sempre mediado pelo mundo.

Esse entendimento de subjetivação não conduz necessariamente o sujeito para níveis de bem-estar, de emancipação, de liberdade e de autonomia, por exemplo. Ainda que no limite os seres humanos vivam os seus processos, estes podem se dar de maneira limitadoras e que os desdobramentos produzem condições ainda mais desfavoráveis.

Nesse sentido, parece-nos bastante ilustrativo os trabalhos de Byung-Chul Han (2015) se tomarmos pela ótica da subjetivação e o quanto terminamos por reproduzir a *sociedade*

do cansaço à medida que a vivemos. De igual modo, a obra de Safatle, Silva Júnior e Dunker (2020) nos convida a refletir sobre a individualização da culpa, o repúdio ao fracasso depressivo, o louvor maníaco do mérito e a criação de um estado de crises e reformulações, bem como de anomia e mudanças permanentes –, tendo como contexto constituidor o neoliberalismo e seus tentáculos que extraem uma espécie de a-mais de produtividade das pessoas.

Dessa forma, o processo de subjetivação não pode ser compreendido de maneira isolada ou desvinculada das dinâmicas sociais, políticas e culturais que o atravessam. O estudo de Ewald, Moura e Goulart (2008) evidencia essa relação ao investigar as demandas psíquicas manifestadas no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Constataram com expressividade queixas relativas à dificuldade de se relacionar com os outros e a depressão, frequentemente associadas às crises às quais os sujeitos contemporâneos estão expostos, tais como crises de identidade, de trabalho e de sentido existencial. As autoras destacam, ainda, que o contexto atual reflete uma crise de certezas, em que a incapacidade de lidar com as adversidades que surgem na vida se apresenta como uma característica marcante do cenário contemporâneo. Essa dinâmica é reforçada pelo individualismo e pelas ambivalências próprias da contemporaneidade, que atuam como fatores determinantes nesse contexto.

Cenários de queixas e demandas relacionados ao sofrimento psíquico de discentes e docentes no ambiente universitário

O ingresso na universidade é amplamente desejado, pois está associado ao desenvolvimento pessoal, intelectual e à ascensão social, proporcionando formação profissional alinhada às demandas do mercado de trabalho (Figueiredo, 2018). No entanto, apesar de ser um contexto potencializador de desenvolvimento, queixas e demandas relativas ao sofrimento psíquico em discentes e docentes têm se tornado cada vez mais expressivas, de modo a estarem associadas a diversos fatores que desafiam as IES, além dos profissionais de saúde e educação, evidenciando a necessidade de um compromisso coletivo na criação de práticas acadêmicas potencializadoras de saúde.

Macêdo (2018) nos aponta, em seu estudo que buscou apresentar reflexões acerca do sofrimento psíquico do estudante universitário na atualidade, que fatores como o

individualismo, imediatismo, intolerância à frustração e a pressões psíquicas contribuem para o desenvolvimento e a intensificação desse fenômeno. Desse modo, o contexto acadêmico que, muitas vezes, exige autonomia, maturidade e a construção de relações interpessoais saudáveis, pode ser ainda mais desafiador frente a essas características do mundo contemporâneo, levando, em alguns casos, o (a) aluno (a) a quedar em sofrimento psíquico intenso, bem como ao abandono dos estudos.

É oportuno frisar que, na universidade, nos deparamos com um cenário que repercute na sociedade da qual fazemos parte. As cobranças excessivas ocorrem em diversos espaços sociais e, com isso, é essencial que os atores que compõem esse ambiente possam refletir sobre quais saídas são possíveis de serem pensadas, para garantir e fortalecer o pertencimento e a aprendizagem nesse contexto. Podemos ainda pensar que questões de saúde mental acontecem antes mesmo de ingressar na universidade, aparecendo em sintomas no decorrer de outras etapas educacionais.

Macêdo, Sudário, Souza e Souza (2021) realizaram um levantamento sociodemográfico em um Serviço-Escola no interior de Pernambuco, com o objetivo de identificar as principais demandas e os fatores de risco psicossociais enfrentados por universitários (as) em sofrimento psíquico. O estudo revelou que as principais queixas e fatores de risco psicossociais relatados pelos (as) discentes incluíam dificuldades intra e interpessoais, além de questões relacionadas à vida acadêmica. Exemplos dessas dificuldades incluem problemas em estabelecer e manter relações familiares e sociais, solidão, isolamento social, baixa autoestima, dificuldades de adaptação, falta de identificação com o curso e sobrecarga acadêmica.

Esses achados evidenciam uma realidade de sofrimento psíquico intimamente associada à dinâmica social contemporânea, marcada pela fragilização de laços afetivos, bem como pela cultura da alta performance (Bauman, 2007; Macêdo, 2018). Desse modo, tal cenário reflete diretamente nas relações e interações vivenciadas no ambiente universitário, intensificando os desafios enfrentados pelos estudantes. Isso evidencia a necessidade de valorizar e construir relações interpessoais marcadas pela colaboração, empatia e afetividade para, assim, transformar a experiência acadêmica potencializadora de desenvolvimento das diversas existências que o compõem.

Os sintomas que aparecem entre professores e estudantes do ensino superior nos despertam preocupação com a promoção de bem-estar nesse espaço, como também nos indicam que os fatores familiares, históricos, sociais, econômicos, culturais, políticos e religiosos, podem se apresentar como indicadores de sofrimento psíquico. Frente a isso, é importante que a universidade disponha de espaços para escutar e compreender os sintomas que surgem nos ambientes universitários, repercutindo na aprendizagem e no viver de cada pessoa.

Fior e Almeida (2023) analisam as variáveis que podem dificultar a experiência dos (as) alunos (as) no Ensino Superior. A pesquisa evidenciou que a mudança de cidade, o distanciamento da família e dos amigos e a transição do ambiente escolar para o universitário são aspectos que tornam esse processo desafiador. Ademais, as autoras ressaltam a importância de aspectos pessoais, como autonomia, maturidade e competências acadêmicas, indicando que esses recursos, quando previamente desenvolvidos, têm um papel fundamental na adaptação dos estudantes.

Um estudo realizado sobre as diferentes facetas do sofrimento psíquico com discentes da Universidade Federal do Tocantins, revelou que mais de 60% dos participantes relataram que a entrada na universidade trouxe algum tipo de sofrimento às suas vidas, pois essa transição foi acompanhada por diversas mudanças, incluindo crises de identidade e problemas de ordem social, caracterizando como um fenômeno multifatorial. Ainda mais, a pesquisa revelou preocupantes dados sobre a ideação suicida entre os estudantes, com 63% dos participantes afirmando já ter pensado ou tentado o suicídio (Mota; Pimentel, 2023).

Os desafios enfrentados por estudantes e até por professores para estar na universidade, vão além da gestão de tempo, do excesso de atividades ou das questões de relacionamento interpessoal. Se manifesta também naquilo que, muitas vezes, estudantes e professores não conseguem verbalizar sobre suas preocupações, seja em relação às próprias vulnerabilidades, seja em aspectos de ordem financeira ou em relações externas à universidade. Por isso, é relevante que observemos também que ocorrem ajustamentos criativos, como apresentado por Perls (1977), no sentido de que o sujeito busque se adaptar às mudanças e experimente outras formas de enfrentamento das problemáticas.

Sob esse panorama, Barros e Peixoto (2022) destacam que aqueles discentes que estabelecem boas relações com amigos, professores e demais funcionários da instituição

têm melhores condições gerais de saúde mental. Diante disso, é imperativa a necessidade em efetivar intervenções que fortaleçam as redes de solidariedade e afeto nas universidades, visto o seu caráter protetivo à saúde mental. Assim, ações compartilhadas, atividades interdisciplinares, práticas de pesquisa e projetos de extensão, parcerias com movimentos sociais, organizações como ligas acadêmicas e grupos de estudos, além de experiências como voluntariado, também se apresentam como possibilidades para expandir o espaço universitário como um campo de solidariedade e convivência.

Quanto a experiência da docência nesse contexto, esta se revela como uma atividade complexa, intrinsecamente influenciada pelas constantes transformações que permeiam a coletividade e o mundo do trabalho hodierno, especialmente sob os efeitos do sistema neoliberal. Nesse cenário dinâmico e desafiador, observa-se um processo crescente da precarização das condições laborais e das relações de trabalho no ES, o que expõe os docentes a uma série de fatores de risco, impactando diretamente sua saúde mental (Bosi, 2007).

Junior, Seidl e Chatelard (2024) identificaram, por meio de uma investigação bibliográfica sobre o sofrimento psíquico em docentes universitários, os elementos que contribuem para essa problemática. Verificou-se que aspectos relacionados à excessiva carga de trabalho, ao cenário da pandemia de Covid-19 e à interação fragilizada com a instituição, colegas e estudantes são fatores que impactam a manifestação do sofrimento psíquico, evidenciando, ainda, uma distinção significativa entre o contexto das instituições públicas e privadas.

Chaves, Souza e Miranda (2022) investigaram os principais fatores geradores de sofrimento psíquico entre docentes e as estratégias adotadas para enfrentá-los. Os resultados também indicaram que a sobrecarga de trabalho, o estresse contínuo, a pressão social e a falta de lazer foram os fatores mais mencionados. Além disso, observou-se que os docentes entrevistados raramente buscavam apoio especializado para lidar com essas dificuldades, pois recorreram à família, aos amigos e à religião.

Nessa conjuntura, os docentes encontram-se imersos em uma realidade acadêmica na qual, frequentemente, as relações interpessoais carecem de solidariedade e afeto, uma vez que a competição e a busca pela adequação à lógica mercantilista do ES se sobrepõem às experiências docentes (Macêdo, 2024). Diante disso, observa-se um aumento de casos de

professores com queixas de sofrimento psíquico intenso, assim como de desenvolvimento de quadros de depressão e ansiedade, bem como da Síndrome de Burnout (SB). De acordo com o estudo de Baptista et al. (2019), que investigou as variáveis associadas ao burnout em docentes universitários, a presença de eventos estressores nesse ambiente, somada à sintomatologia depressiva, constitui um preditor significativo para o desenvolvimento da SB neste grupo.

Cabe recordar que a docência universitária no setor público tem seus desafios, orientações institucionais, demandas para dar fluidez às atividades. Contudo, também oferece determinada autonomia na gestão de tempo, quando comparada a de professores de outras modalidades de ensino. O docente universitário tem a garantia de tempo para planejamentos, execução de atividades de pesquisa e extensão, articulação do ensino e lideranças de equipes. Refletimos que a responsabilidade pela saúde mental dos docentes também é de caráter pessoal, e não somente da instituição e do modo como ela está organizada. Por isso, é importante que os docentes universitários reflitam sobre a integração entre o cuidado de si, do outro e da instituição da qual fazem parte, de modo a se organizar dentro dos limites de tempo e espaço, garantindo a si mesmos o equilíbrio entre os momentos dedicados ao trabalho, ao lazer e à qualidade de vida.

Diante disso, as queixas e demandas no ambiente universitário devem ser compreendidas de forma ampla e contextualizada, considerando a relação que aspectos pessoais, culturais, políticos e sociodemográficos têm na condição de saúde mental dos estudantes e dos professores. Essa realidade também destaca a urgência de reconfigurar os ambientes acadêmicos, para que estratégias de cuidado sejam direcionadas aos estudantes e aos docentes. Por fim, convém mencionar que, apesar dos desafios que atravessam esse contexto, a capacidade criativa dos sujeitos que o constituem nos permite vislumbrar possibilidades diversas para enfrentar essas questões. Isso porque, como já foi discutido anteriormente, a subjetivação se caracteriza pela criação constante de sentidos pelos sujeitos, permitindo que os quais construam caminhos para o cuidado de si e do coletivo.

Práticas de cuidado no ambiente universitário

O ambiente universitário é um espaço de construção do conhecimento científico e técnico, mas, especialmente, de relações interpessoais com aqueles que o compõem. O cuidado como declara Boff (2013) é o modo de ser, em que a pessoa se estrutura e se integra

no mundo com os outros de maneira respeitosa e com a responsabilidade de zelar e proteger a vida. Nessa perspectiva, compreende-se que o ambiente universitário se constitui pelos grupos que ali estão constituídos, tais como docentes, discentes e técnicos, em que todos têm papel relevante com o cuidado nesse contexto, seja consigo mesmos, com os demais ou com o meio em que estão, a partir de seus saberes e funções.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o ES, no art. 43, no primeiro inciso, estabelece que tem por finalidade: “estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo” (Brasil, 1996). A universidade é considerada espaço social de garantia de formação profissional contribuindo por meio de vieses de cunho humano, técnico e científico. Dessa forma, entende-se que as Instituições de Ensino Superior (IES) além de formação técnica e científica, têm responsabilidade ser um espaço de promoção de cuidado em suas diversas facetas: intelectual, formativa, crítica e também na saúde mental (Tavares; Oliveira, 2024).

Como docentes e discentes de instituições públicas de Ensino Superior, percebemos que a universidade é vista como: espaço de oportunidades para melhorar condições socioeconômicas, obter formação profissional, construir conhecimento e desenvolver estudos e pesquisas que atendam a demandas sociais. Entretanto, também observamos que algumas práticas, tanto de docentes quanto de discentes, têm gerado percepções do ambiente universitário como hostil e até mesmo violento. Isso ocorre por meio de atitudes como: discursos impositivos nas relações entre professores e alunos, normas rígidas estabelecidas sem consulta prévia à comunidade acadêmica e intensos embates entre colegas devido à pressão por produtividade excessiva.

Freire (2019) declara que a educação, tendo como norteamento a humanização, é capaz de abrir novos caminhos, vivenciar processos dialógicos, desenvolvendo a capacidade crítica para conscientização de seu papel social no mundo. Nesse sentido, o Ensino Superior movido por espaços democráticos, deve se opor a modelos educacionais mecânicos e bancários. Enquanto ato de criação, a educação nessa modalidade de ensino tem o potencial de gerar novos atos, por meio da imersão crítica no encontro entre o sujeito e os aspectos histórico-sociais, reconhecendo-o como ator e criador da cultura.

Ao longo das últimas décadas, notou-se a implementação de políticas que podem ser consideradas formas de cuidado para populações historicamente excluídas de direitos,

Ensino Superior e saúde mental: reflexões acerca da relação entre modos de subjetivação contemporâneos, sofrimento psíquico e cuidado

especialmente no acesso à educação. Podemos lembrar algumas dessas políticas e programas: o Sistema UAB –Universidade Aberta do Brasil que oferta cursos à distância a diversas populações, Ações Afirmativas – Cotas Raciais e Sociais, Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o Sistema de Seleção Unificada (SISU) que gerencia o acesso ao ensino superior em instituições públicas, o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) que viabiliza a permanência de estudantes no ensino superior em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Com a implementação dessas políticas e programas, percebe-se que as universidades foram instigadas a vivenciar diversas transformações, sobretudo no que diz respeito à ampliação do acesso para populações socialmente marginalizadas.

A ampliação do acesso ao ensino superior público trouxe outros perfis de discentes e também de docentes. Os estudantes que até então conheciam os movimentos da Educação Básica, se deparam com exigências da vida acadêmica em torno de uma organização entre as atividades com trabalhos, leituras, estágios, participações em eventos, projetos de pesquisa e extensão, deixando, às vezes, de lado os momentos junto aos seus relacionamentos, atenção a si e à sua saúde. O sofrimento psíquico ou até mesmo físico pode adentrar aos corpos cansados dos estudantes, sem muitas vezes saber como lidar com suas questões e com tudo o que precisa gerenciar em suas atividades formativas.

Experiências no ensino superior de cuidado aos discentes, indicam que há muito a ser feito, destacando a necessidade de ações que priorizem também a saúde mental. Uma proposta que exemplifica ações de cuidado ao estudante universitário é o Núcleo de Cuidado ao Estudante Universitário do Semiárido (NuCEU), projeto de extensão da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), que entre suas diversas atividades tem desenvolvido Plantão Psicológico em universidades da região, com o objetivo de cuidado com a saúde mental dos estudantes, através de acolhimento realizados por estudantes de Psicologia sob supervisão de professoras desse curso, nos locais disponibilizados pelas instituições (Macêdo; Moraes, 2023). Acerca disso, é preciso pensar em formas de cuidado que atuem na prevenção do adoecimento psíquico dos estudantes, como espaços, a exemplo do Plantão Psicológico, que acolham o ser-sofrete (Macêdo, 2018).

No que tange aos professores do ensino superior, percebe-se um cenário caracterizado por excessos, exigindo da profissional organização diante das demandas da

instituição, pois suas atividades, muitas vezes, vão além do ensino, pesquisa e extensão, abrangendo também o gerenciamento de equipes e a coordenação de cursos. É relevante também pontuar que enquanto docentes, nos deparamos com fragilidades da formação básica dos estudantes, a exemplo de: superficialidade textual e discursiva no desenvolvimento de atividades acadêmicas, dificuldades em articulações entre a prática e os conhecimentos científicos, instabilidade emocional diante de atividades grupais, dentre outros aspectos.

Tanto entre docentes e discentes, observamos que os corpos exaustos, a correria das demandas, os estresses vividos do cotidiano, os excessos de atividades decaem nas práticas de ensino e aprendizagem. Conforme Esteban e Zaccur (2002) a prática é o ponto de partida que apresenta as necessidades e as questões da realidade, precisando apurar os olhos para a interpretação do cotidiano. Em nossas vivências docentes e discentes, visualizamos que cada pessoa adentra esse ambiente de aprendizagem com suas questões, sejam elas preocupações e motivações.

Pesquisas como a desenvolvida por Pessano (2020) nos dão indicativos, que as práticas de cuidado em ambiente universitário são articuladas de maneira pontual, através de palestras ou rodas de conversas com os atores. Podemos citar outra experiência através de projetos de pesquisa e extensão da região do Vale do São Francisco, que visa o cuidado em ambiente universitário. O Projeto Corpoética que integra atividades extensionistas do Departamento de Ciências Humanas Campus III da Universidade do Estado da Bahia em Juazeiro-BA, promove vivências práticas de Yoga com discentes, docentes e comunidade externa da universidade, com intuito de educomunicação consigo, suas emoções, seus pensamentos, para alcançar os meios sociais que envolvem o participante (Alves; Borges, 2018).

O que fazer diante desse cenário dos excessos vividos no ambiente acadêmico? Qual posição tomar em práticas que sejam adoecedoras? Como lidar com o sistema de produção e concorrência que nos deparamos no ensino superior? Podemos dizer que não temos respostas prontas, que nada está pronto e que podemos abrir os caminhos necessários de cuidado a partir da própria realidade e necessidade de cada instituição. Começar sempre tem seus desafios, mas precisamos continuar a perceber a comunidade acadêmica como lugar de criação e produção de cuidado, sendo importante que tenham projetos destinados

a políticas de cuidado no ensino superior, assim como a organização acadêmica de colegiados de cursos em atividades interdisciplinares, contribuindo para a construção de conhecimentos e também com a redução de inúmeros exercícios ou até mesmo trabalhos disciplinares, às vezes sem muito sentido.

Diante do exposto, a cultura do cuidado precisa ser instituída nos contextos acadêmicos, de modo que essa ação permeie as diversas práticas nesse ambiente, desde as relações entre professor e aluno no ensino, na pesquisa e na extensão, até em atividades realizadas em parceria com colegas de trabalho e outras instituições, bem como articulações de momentos formativos e integradores com a comunidade interna e externa. Contudo, ficamos a pensar que depende muito também de cada pessoa que está presente na instituição. O diálogo é um caminho propício para se alcançar e pensar maneiras de promoção de cuidado nesse ambiente educativo e de desenvolvimento, sendo necessário que cada pessoa se sinta integrada e responsável na construção desse espaço formativo.

Conclusão

Com base nas reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho, reafirma-se a necessidade de um olhar atencioso às questões relativas à saúde mental de discentes e docentes no contexto do ES. Nesse sentido, os elevados índices de sofrimento psíquico nesse contexto não devem ser compreendidos como fenômenos isolados, mas sim como reflexos de dinâmicas sociais, culturais, econômicas e políticas vigentes. Para tanto, foram problematizados os modos de subjetivação contemporâneos e sua influência nas queixas e demandas relacionadas à saúde mental no meio acadêmico. As pressões acadêmicas, a carência de relações solidárias e afetuosas, a individualização, bem como o imediatismo e a competitividade exacerbada se apresentam como fatores contribuintes nos modos de subjetivação no meio acadêmico, reforçando estados de sofrimento psíquico intenso.

Desse modo, evidenciou-se que práticas de cuidado adequadas podem contribuir para a atenuação do sofrimento psíquico e para a promoção de um ambiente acadêmico mais saudável e sustentável para todos os envolvidos. Para tanto, tais práticas devem considerar as especificidades de cada realidade institucional, respeitando as particularidades de cada Instituição de Ensino Superior, sob uma perspectiva coletiva e interdisciplinar.

A saúde mental no ensino superior precisa ser compreendida a partir da realidade de cada instituição. Isso porque não podemos generalizar que os fatores de um determinado

lugar sejam os motivos que levam aos processos de adoecimentos na universidade. Claro que se faz necessário observarmos as questões de cunho histórico, político e econômico que acontecem nacionalmente ou internacionalmente e que, de algum modo, chegam nos espaços da universidade. É preciso estarmos atentos ao que aparece de grupos de interesse político, que tratam a educação como mercadoria. A universidade é espaço de criação e de cuidado com a vida, busquemos garantir a promoção de saúde mental nesse lugar de construção de ciência e humanização.

Referências

ALVES, Jéssica Pacheco; BORGES, João José de Santana. Corpoética em imagens: O yoga como processo educomunicativo nas escolas. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, 2018, Juazeiro – BA. Retirado de:

<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0404-1.pdf>

BAPTISTA, Makilim Nunes; SOARES, Thiago Francisco Pereira; READ, Alexandre José; SANTOS, Luísa Milani. Burnout, estresse, depressão e suporte laboral em professores universitários. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 564-570, jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17652/rpot/2019.1.15417>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BARROS, Rebeca Neri de; PEIXOTO, Adriano de Lemos Alves. Integração ao ensino superior e saúde mental: um estudo em uma universidade pública federal brasileira. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 609–631, set. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772022000300012>. Acesso em: 12 jan. 2025.

BASTOS, Elaine Marinho; MAIA, Alexandre Miranda; OLIVEIRA, Catarina de Laboure Ferreira; FERREIRA, Sara do Nascimento. Sofrimento psíquico de universitários: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 10, p. 17681–17694, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv5n10-040>. Acesso em: 15 jan. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. 119 p.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOSI, Antônio de Pádua. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 101, p. 1503–1523, set. 2007. Acesso em: 05 fev. 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/gWptVJrmQdsdtW4fZgVHgkh/?lang=pt>.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 27833, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Acordo de Metas nº 12**, que entre si celebram a União representadas pelo Ministério da Educação por intermédio da Secretaria de Educação Superior e a Universidade Federal de São Carlos para os fins que especifica o Decreto nº 6.096 de 27 de abril 2007. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://www.reuni.ufscar.br/documentos>.

BRASIL. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - Reuni. **Diário Oficial da União** [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 abr. 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm.

BRENTANO, Franz. **Psychology from an Empirical Standpoint**. Tradução de Antos Rancurello, Linda McAlister. London: International Library of Philosophy, 1973. Originalmente publicado em 1874.

CAMPOS, Gioconda Machado; CUNHA, Daisy Moreira. Perfil do absenteísmo docente na rede municipal de educação de Belo Horizonte/MG no período de 2011 a 2014. **Revista Pedagógica**, v.19, n. 40, jan. /abr.2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22196/rp.v19i40.3745>. Acesso em: 10 jan. 2025.

CASTRO, Vinícius Rennó. Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. **Revista Gestão em Foco**, n. 9, p. 380 – 401, 2017. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/043_saude_mental.pdf. Acesso em: 08 jan. 2025.

CHAVES, Francisco Gilmar da Silva; SOUZA, Bertulino José; MIRANDA, Lucas Vialli Batista. Algo a ensinar e a aprender: o sofrimento psíquico e a saúde mental de educadores no Alto Oeste Potiguar. **Saúde e Sociedade**, v. 31, n. 1, p. e210299, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-1290202210299>. Acesso em: 10 fev. 2025.

ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges. **Professor Pesquisador: Uma Prática em Construção**. Rio de Janeiro: Editora DPIA, 2002.

EWALD, Ariane Patrícia; MOURA, Michelle Thieme de Carvalho; GOULART, Samira Meletti da Silva. Psicoterapia e subjetividade: interfaces entre os modos contemporâneos de subjetivação e as demandas de um Serviço de Psicologia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, ano 8, n.3, p.807-813, 2008. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1808-42812008000300017. Acesso em: 10 jan. 2025.

FIGUEIREDO, Alice Cristina. Limites para afiliação à vida acadêmica de estudantes de camadas populares no contexto de expansão universitária. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, 1-18, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844173462>. Acesso em: 02 fev. 2025.

FIOR, Camila; ALMEIDA, Leandro S. Transição e adaptação acadêmica dos estudantes ao ensino superior. In: OSTI, Andréia; FIOR, Camila; CANAL, Cláudia Patrocínio Pedroza (org.).

Ensino Superior: Mudanças e desafios na perspectiva do estudante. São Carlos: Editora Pedro & João editores, 2023. cap. 3, p. 59-76.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 84 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I:** Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica. Tradução de Enio Paulo Giachini. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: Martin Heidegger **Ensaio e conferências**. (Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Marcia Sá Cavalcante Schuback, Trad.). (pp. 11-38). Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. (Original publicado em 1954).

JUNIOR, João Camilo de Souza; SEIDL, Eliane Maria Fleury; CHATELARD, Daniela Scheinkman Chatelard Scheinkman. DOCENTES UNIVERSITÁRIOS E A VIVÊNCIA DE SOFRIMENTO PSÍQUICO: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA. **Cadernos da FUCAMP**, v. 25, 2024. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/3262>. Acesso em: 12 jan. 2025.

LINDENMEYER, Luciane Luísa. Da intersubjetividade husserliana à solidariedade gadameriana: considerações sobre a vida compartilhada. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 85–100, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/Ekstasis/article/view/56468>. Acesso em: 12 fev. 2025.

MACÊDO, Shirley. Sofrimento psíquico e cuidado com universitários: reflexões e intervenções fenomenológicas. **ECOS: Estudos Contemporâneos em Subjetividade**, v. 8, n. 2, p. 265-277, 2018. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844>. Acesso em: 16 jan. 2025.

MACÊDO, Shirley; SUDÁRIO, Natan Damasceno; DE SOUZA, Melina Pinheiro Gomes; DE SOUZA, Monica Aparecida Tomé Pereira. Universitários em sofrimento psíquico: estudo em serviço escola do interior pernambucano. **Revista NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity**, v. 13, n. 2, 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912021000200002. Acesso em: 16 jan. 2025.

MACÊDO, Shirley; DE MORAIS, Silvia Raquel Santos. Plantão Psicológico Itinerante com estudantes universitários do semiárido nordestino: um relato de experiência. **Revista Fenexis: Estudos Fenomenológicos Existenciais, [S. l.]**, v. 1, n. 1, p. 20–35, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/fenexis/article/view/7086>. Acesso em: 12 fev. 2025.

MACÊDO, Shirley. O cuidado ao docente como forma de cuidar do estudante em universidades públicas nordestinas. In: DO NASCIMENTO, Crisóstomo Lima; NOVAES, Fernanda Patrícia Soares Souto; MACÊDO, Shirley (Org.). **Cuidados com a vida na Universidade: caminhos possíveis**. Maricá, RJ: Ilé Ímó Editora, 2024, cap. 2, p. 23-39.

MOTA, Alice Agnes Spíndola; PIMENTEL, Sidianny Mendes; MOTA, Marta Romilda Spíndola. Expressões de sofrimento psíquico de estudantes da Universidade Federal do Tocantins. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 49, p. 1-20, jun. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349254990>. Acesso em: 12 fev. 2025.

OLIVEIRA, Amanda da Silva Dias; PEREIRA, Maristela de Souza; LIMA, Luana Mundim de. Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 3, p. 609–619, set. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-353920170213111132>. Acesso em: 10 fev. 2025.

PADOVANI, R. C. et al. Vulnerabilidade e bem-estar psicológico do estudante universitário. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 02-10, 2014. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20140002>. Acesso em: 16 jan. 2025.

PERLS, Fritz. **Gestalt-terapia explicada**. São Paulo: Summus, 1977.

PESSANO, Carolina Schaan. **Docência na Educação Superior: a importância da gestão de pessoas para a promoção do bem-estar e da qualidade de vida no trabalho à luz da psicologia positiva**. 2020. 150. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil, 2020.

QUEIRÓZ, Maria de Fátima Ferreira; EMILIANO, Laiany Lara. Ser docente no Século XXI: o trabalho em uma universidade pública brasileira. **Revista Katálysis**, v. 23, n. 3, p. 687–699, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p687>. Acesso em: 10 fev. 2025.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (Org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Autêntica, 2020. 286 p.

SANTOS, Michelle Cardoso Machado dos et al. Gestão do trabalho docente e percepção das condições de saúde de docentes de ensino superior. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 143-158, maio/ago. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21714/2236-417X2020v10n1p143>. Acesso em: 10 fev. 2025.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.

TAVARES, Jeane Saskya Campos; OLIVEIRA, Marlete Andrize de. Práticas de cuidado em saúde mental na universidade. **Práticas e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 5, p. e22706, 2024. DOI: 10.5281/zenodo.14718799. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/saudecoletiva/article/view/22706>. Acesso em: 12 fev. 2025.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Nota

Ensino Superior e saúde mental: reflexões acerca da relação entre modos de subjetivação contemporâneos, sofrimento psíquico e cuidado

ⁱ Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); Sistema de Seleção Unificada (SISU); Programa de Financiamento Estudantil (FIES); Programa Universidade para Todos (PROUNI); e Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAES).

Sobre os Autores

Clara Maria Miranda de Sousa

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Juazeiro-Bahia-Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0967-7790> E-mail: clarasousa.psico@gmail.com

Paulo Henrique Magalhães da Silva

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Petrolina-Pernambuco-Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8626-8168>

E-mail: paulo.magalhaes@discente.univasf.edu.br

Marcelo Silva de Souza Ribeiro

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Petrolina-Pernambuco-Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1196-7383> E-mail: marcelo.ribeiro@univasf.edu.br

Recebido em: 11/03/2025

Aceito para publicação em: 20/03/2025